

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

174

INSCRIÇÕES 662-664



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE MILIÁRIO EM ALTER DO CHÃO

Encontra-se acondicionado nas Reservas de Arqueologia da Câmara Municipal de Alter do Chão o fragmento de um miliário romano, fruto da recolha de superfície efectuada por Jorge António e Rui Pires Lourenço, na Casa de Alvalade, concelho de Alter do Chão.

Este arqueossítio vem identificado nas fontes históricas igualmente como “caza da valada”¹ e “Casa de/da Avelada”² e o Cónego António Gonçalves de Novais refere a existência de vestígios romanos no local, à semelhança dos que se encontraram à época na vila de Alter do Chão.

De granito, com 15,3 cm de altura e cerca de 40 cm de diâmetro, cor esbranquiçada/cinza e de forma cilíndrica, o fragmento teve reaproveitamento como mó, uma vez que, sendo plano na ‘base’, a parte superior revela ligeiro rebaixamento das extremidades para o orifício central, de

¹ NOVAIS (António Gonçalves de), *Relação do Bispado de Elvas*, Lisboa, 1635, fl. 28.

² CARDOSO (Luiz), *Diccionario Geografico...*, Lisboa, 1747, p. 371; LIMA (J. Garcia de), «A Villa de Alter do Chão», *Archivo Historico de Portugal*, n.º 12, I.ª Série, Outubro de 1889, p. 46.

configuração circular: 3,8 cm de profundidade e 8 cm de diâmetro.

Na face pode ler-se MAX, que se interpreta como a abreviatura de MAX(*imus*), não sendo possível saber-se o caso em que está nem o que viria nas linhas superior e inferior a esta.

A altura das letras varia entre 6,4 e 8,8 cm, o que nos leva a propor, como hipótese, atendendo, inclusive, à paleografia³, que poderia ser a menção PONT(*ifex*) MAX(*imus*), no nominativo, ou, no ablativo, PONT(*ifice*) MAX(*imo*).⁴

Aliciante seria, pois, atribuir o miliário ao tempo do imperador Augusto e à via que, passando por *Abelterium*, ligava a capital da província, *Emerita*, a *Olisipo*, a via que passava pela ponte da Ribeira da Seda e que, segundo Vasco Mantas, «foi a principal estrada de comunicação entre Lisboa e Mérida»⁵.

JORGE ANTÓNIO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

³ As letras aproximam-se das capitais quadradas do início do Império: o M bem aberto, A com travessão horizontal, X simétrico.

⁴ Em épocas mais tardias, nomeadamente a partir do século III, *Maximus* começará a ser utilizado também no âmbito dos atributos imperiais relacionados com as guerras em que os imperadores participaram e das quais saíram vitoriosos: *Parthicus Maximus*, *Britannicus Maximus*, *Dacicus Maximus*...

⁵ MANTAS (Vasco Gil), *As Vias Romanas da Lusitânia* [Série *Studia Lusitana* n.º 7], Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2012, p. 172. Ver também as considerações exaradas por este investigador a partir da p. 167.



664